

Do fenômeno psicossomático à substância gozante: efeitos da interpretação poética no corpo

Ingrid Figueiredo

Resumo

Interrogações sobre o corpo promoveram uma abertura do campo para novas questões sobre a relação entre o corpo e a escrita, a partir da tese de que o fenômeno psicossomático comparece como uma letra, sem a intermediação do simbólico, como uma continuidade entre imaginário e real, conforme Garcia (2021). Trata-se de uma falha epistemossomática, como uma escrita que não se dá a ler situada no litoral entre saber e gozo. A partir dessas premissas, seria possível interrogar, a partir do método psicanalítico, se há uma direção de tratamento a partir da operação pela via da lógica paracompleta da interpretação poética e da lógica paraconsistente da formação do sintoma? Entendo que essa questão tem me interrogado a partir da escuta clínica e de elaborações sobre os efeitos da interpretação poética sobre o gozo do corpo ou sobre a substância gozante em casos de pacientes acometidos por fenômenos psicossomáticos.

Palavras-chave:

Corpo; Escrita; Fenômeno psicossomático; Saber; Gozo.

From the psychosomatic phenomenon to the *jouissance* substance: effects of poetic interpretation on the body

Abstract

Questions about the body opened the field to new questions about the relationship between the body and writing, based on the hypothesis that the psychosomatic phenomenon appears as a letter in the body, without the intermediation of the symbolic, as something that appears in the real with writing status. It is an epistemo-somatic failure, like a writing that cannot be read located on the coastline between knowledge and *jouissance*. Based on these premises, would it be possible to question, based on the psychoanalytic method, whether there is a treatment direction based on the operation via the paracomplete logic of poetic interpretation

and the paraconsistent logic of symptom formation? I understand that this question has been questioning me based on clinical listening and elaborations on the effects of poetic interpretation on the jouissance of the body or on the jouissance substance in cases of patients affected by psychosomatic phenomenon.

Keywords:

Body; Writing; Psychosomatic phenomenon; To know; Enjoyment.

Del fenómeno psicossomático a la sustancia gozante: efectos de la interpretación poética sobre el cuerpo

Resumen

Las preguntas sobre el cuerpo abrieron el campo a nuevas preguntas sobre la relación entre el cuerpo y la escritura, a partir de la hipótesis de que el fenómeno psicossomático aparece como una letra en el cuerpo, sin la intermediación de lo simbólico, como algo que aparece en lo real con el estatuto de la escritura. Es una falla epistemossomática, como una escritura que no se puede leer situada en la línea de costa entre el saber y el goce. A partir de estas premisas, ¿sería posible cuestionar, desde el método psicoanalítico, si se podría encaminar un tratamiento desde la operación a través de la lógica paracompleta de la interpretación poética y de la lógica paraconsistente de la formación de síntomas? Entiendo que esta pregunta me ha ido interrogando a partir de escuchas clínicas y elaboraciones sobre los efectos de la interpretación poética sobre el goce del cuerpo o sobre la sustancia gozante en casos de pacientes afectados por fenómenos psicossomáticos.

Palabras clave:

Cuerpo; Escritura; Fenómeno psicossomático; Saber; Goce.

Du phénomène psychosomatique à la substance jouissante : effets de l'interprétation poétique sur le corps

Résumé

Les questions sur le corps ont ouvert le champ à de nouvelles interrogations sur le rapport entre le corps et l'écriture, fondées sur l'hypothèse que le phénomène psychosomatique apparaît comme une lettre dans le corps, sans l'intermédiation du symbolique, comme quelque chose qui apparaît dans le réel avec le statut d'écriture. C'est un échec épistémossomatique, comme une écriture illisible située sur

la frontière entre savoir et jouissance. A partir de ces prémisses, serait-il possible d'interroger, à partir de la méthode psychanalytique, s'il y a une direction de traitement de l'opération à travers la logique paracomplète de l'interprétation poétique et la logique paracoherente de la formation des symptômes? Je comprends que cette question m'interroge à partir d'écoutes cliniques et d'élaborations sur les effets de l'interprétation poétique sur la jouissance du corps ou sur la substance jouissante en cas de patients atteints de phénomènes psychosomatiques.

Mots-clés :

Corps ; Écriture ; Phénomène psychosomatique ; Savoir ; Jouissance.

O tema *A política do corpo* promoveu uma reabertura para novas questões sobre a relação entre o corpo e a escrita, a partir da tese de que o fenômeno psicossomático (FPS) comparece como uma letra. Trata-se de uma falha epistemossomática, uma escrita que não se dá a ler situada no litoral entre saber e gozo. A partir dessas premissas, interrogamos: seria possível sustentar o fenômeno psicossomático como paradigma da pulsão, já que esta se localiza na fronteira entre psique e corpo tal qual o acontecimento de corpo “psicossomático”? Os fenômenos que comparecem antes da entrada em análise (os quais, inclusive, são mote para esse passo) são os mesmos que se manifestam durante a travessia e em seu final? Quais os efeitos da interpretação sobre o corpo? Entendo que essas questões têm me interrogado a partir da escuta clínica e de elaborações sobre os efeitos da interpretação sobre o gozo do corpo ou sobre a substância gozante, a qual, segundo o prelúdio de Marcella Laboissière, no XX Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, interroga a continuação, inclusive, do uso do termo “psicossomática”.

Diferentemente do sintoma neurótico, que se encontra atrelado ao gozo fálico e à fantasia fundamental, a qual implica uma significação fálica, o FPS comparece como letra, de modo a permanecer no campo do gozo do Outro como impossível de ser acessado pelo sujeito a partir da interpretação, já que ainda demanda significação.

No seminário *Encore*, Lacan (1972-1973/2010) estabelece que a letra é efeito de discurso, pois tudo que é escrito é em decorrência do fato de ser impossível escrever a relação sexual, ou seja, será sempre uma tentativa de escrevê-la. Na passagem da formalização das fórmulas da sexuação para o nó borromeano, é possível situar o FPS como um acontecimento de corpo em um ponto de cruzamento que tenta promover uma reparação. Isso significa que, nesse caso, o discurso não encadeia a subjetivação do sujeito, e aquilo que toca o corpo não é o significante encadeado; é a letra que não cede à interpretação.

Parto da tese do fenômeno psicossomático como letra inscrita no real do corpo, como aquilo que não cede à interpretação, como um gozo específico no campo do Outro e como continuidade entre os registros do real e imaginário de modo estrutural, como é apresentado por Garcia (2021). Esse fenômeno denota uma falha na amarração do nó borromeano, em que duas consistências se reduzem a uma só: imaginário-real. Nesse caso, nem haveria uma amarração borromeana, porque, para que ela exista, é preciso, no mínimo, a amarração entre os três elos — real, simbólico e imaginário (RSI) — e a delimitação de furos em que se localizam os modos de gozo. Nesse caso, o sujeito sai de cena. É similar a uma passagem ao ato, mas, nesse caso, como uma passagem direta ao corpo. Além disso, não há como sustentar a tese do fenômeno psicossomático como um *sinthoma* tal qual uma solução para amarrar o nó borromeano, porque ele não delimita os furos com uma correção, mas, ao contrário, desnoda, segundo Garcia (2021).

E como podemos pensar a direção de tratamento e os efeitos da interpretação em casos de pacientes acometidos por fenômenos psicossomáticos? Seria uma clínica que vai da interpretação como nomeação em direção à interpretação como equívoco? Não há como pensar nos efeitos da interpretação sem recorrer à lógica.

Para tal, retomamos as articulações de Ramos (2016) sobre a lógica e a experiência analítica, quando interroga se o sintoma não estaria na paraconsistência, no sentido de que enoda, a partir da contingência, duas proposições contraditórias — o que pode ocorrer pela via do equívoco e que pode ter o mesmo saber (Gianesi, 2016) —, e sustenta um valor de verdade, o que rompe com a lógica clássica da não contradição, para a qual, entre duas proposições contraditórias, uma deve ser falsa. E se a interpretação, por operar com a suspensão de sentido e do valor de verdade do sintoma, não seria paracompleta, já que revela que as duas proposições contraditórias são falsas, de modo a também romper com a lógica clássica, para a qual, entre duas proposições contraditórias, uma deve ser verdadeira, de modo a situar o sentido como indecível pela operação da palavra poética que produz um sentido branco (*sens blanc*), como nos diz Bousseyroux (2013)?

Para os autores Gianesi (2016) e Ramos (2016), o gozo todo fálico estaria situado na lógica paraconsistente, pois demonstra que uma proposição e sua negação são ambas verdadeiras, ou seja, duas proposições podem ser contraditórias e verdadeiras, sem pôr em risco a teoria, o que derroga o princípio de contradição aristotélico. Por sua vez, gozo não todo fálico, articulado à paracompletude, derroga o princípio do terceiro excluído e sustenta que duas proposições contraditórias podem ser falsas, remetendo a uma suspensão do julgamento ou indemonstrabilidade.

Conforme nos traz Ramos:

Os impasses neuróticos, que em geral se manifestam pela via absurda da inconsistência, são resolvidos pela via do sintoma de modo paraconsisten-

te ou pela via da interpretação de modo paracompleto. Isso quer dizer que, de um lado, o sintoma faz *ex-sistir* o que suporta ao mesmo tempo algo e seu contrário, sustentando-os como verdade (buscando dar sentido ao que é do real), enquanto a interpretação recoloca essa *ex-sistência* em sua indemonstrabilidade, tendo por efeito sua suspensão (o que permite topar com o sem sentido do real). Provar a indemonstrabilidade de um *ex-sistente*, nesse sentido, é dissolver o sintoma tomado como um necessário. Talvez seja o caso de pensar que, não à toa, o quantificador da existência é uma necessidade do lado homem e um impossível do lado mulher das fórmulas da sexuação. (Ramos, 2015, p. 3)

Mas, como a interpretação, pela paracompletude, pode operar sobre o FPS, se não se trata de um sintoma, que se situa na paraconsistência, mas de um fenômeno, um acontecimento no corpo, sem nenhuma historicidade? Será que a paraconsistência, a operação de nomeação no sentido de uma amarração, de uma produção de um sintoma, seria a via possível para uma direção de tratamento?

A interpretação paracompleta e poética diz respeito à experiência de vacuidade, nomeada por François Cheng (2011), e está relacionada com o sopro, atrelado ao cantar, como o influxo vital que percorre todo o universo, o que muda a relação entre sujeito e objeto e que denota um apagamento de si para acender a algo do ser, ou, em termos lacanianos, em um primeiro momento de seu ensino, *ser-falante* ou, no último momento, como o *ser-para-o-sexo* com sua substância gozante. Sobre essa questão da vacuidade, Palma ressalta:

Na China, se existe algo semelhante em vários poetas de renome, desenvolveu-se uma outra corrente, a do *ch'an (zen)*. (...) [Ela, diz o poeta,] privilegia a iluminação do instante que transcende o tempo, iluminação esta que se obtém pelo despojamento e a vacuidade, vale dizer, pelo apagamento (*effacement* = retraimento) de um sujeito muito cheio de si mesmo. Ser-se-á, então, capaz de alcançar o universo vivo, não segundo a aparência, mas do interior. (...) [O poeta] é convidado a uma sorte de *consentimento*: reencontrar um estado original, onde tem sua fonte a promessa de vida. (Palma, 2011 citado por Cheng, 2011, p. 21)

Ora, Cheng afirma que o poeta está convencido de que dizer é o começo de poder viver, isto é, de poder cantar e ser. Essa afirmação traduz o que Lacan nos transmite sobre o dizer como meia-verdade, o que remete à interpretação poética sob influência da poesia chenguiana.

Cheng enfatiza a relação da escrita chinesa, ou, mais propriamente, da escrita do caractere chinês, e da poesia, com a caligrafia, a qual extrai da escrita seu va-

lor, mas também “a escrita do caractere encontra na caligrafia seu puro exercício de letra” (Andrade, 2016, p. 3). Cheng (2016) nos diz que a caligrafia se tornou uma arte maior por causa dos ideogramas e por produzir uma gestualidade com ritmo e intenso movimento. Assim como falar, escrever também seria um sopro, de modo a haver um engajamento do corpo e do espírito do sujeito que produz o traço, ou seja, trata-se de uma escrita que se faz no corpo e com o corpo e em sua relação com a voz proveniente do campo do Outro.

Então, a escrita chinesa enoda olhar e voz, não se reduzindo a uma escrita autônoma, nem a uma transcrição da fala, como a fonética. Trata-se de um jogo de traços, palavras e sons, por meio da materialidade da letra, que é o ideograma que se dá a ler, e não apenas a ver (Andrade, 2016). Por isso também, o ideograma interessa a Lacan e à interpretação poética, porque consegue dizer dez coisas de uma só vez (Vilela & Ianinni, 2016), diversamente da escrita fonética ocidental, especialmente a francesa.

François Cheng disse que a poesia chinesa dos *T'ang* é uma escrita cantada ou um canto escrito (*tz'u*), no qual o poeta insufla um vazio entre as palavras, até mesmo situando entre algumas palavras lexicais um verbo como uma palavra vazia que produz um sopro no vazio, como o conhecido sopro do vazio mediano do *Tao*. Essa poesia cantada e a oitava chinesa, em que está em jogo o contraponto tonal, tem efeitos musicais, de modo que, da tonalidade à modulação, coloca-se um deslizamento que produz um canto e que uma interpretação pelo corte preciso produz a extinção do sintoma e produz um *sinthoma* (Bousseyroux, 2013).

Lacan articula a interpretação poética ao forçamento, que é uma operação da lógica (Gianesi, 2016). Interroga se esse forçamento não estaria situado entre S_1 e S_2 , pois se trata de uma operação forçada, que produz sintoma em um enodamento pela contingência, se nos lembrarmos do discurso do mestre. Aqui, não poderíamos situar uma operação possível com o fenômeno psicossomático? Do mesmo modo, no discurso do analista, entre S_1 e S_2 não haveria um forçamento que pode desfazer o sintoma produzido por uma contingência? No caso, o sintoma que poderia ser produzido a partir da análise com pacientes acometidos pelos FPS. É uma aposta de que esses sujeitos podem entrar em análise. E essa contingência não revelaria justamente a verdade não toda e que não é totalmente possível calcular, de modo a revelar o indecível de sentido? Pela mesma lógica, a decifração é um forçamento. Gianesi nos fala um pouco sobre o forçamento em Lacan:

Novamente: não estaríamos falando sobre as duas proposições feitas por Lacan acerca do *forcing*?! No discurso do inconsciente, verificamos o valor contingencial da formação de sintomas (tratado neuroticamente por necessário), que implica a colisão-contradição entre termos (enodamento) e o encadeamento próprio a certa colocação em ordem (de equivalência)

de nomes: S1, S1, S1..., o que faz enxame de sentido. E, por outra via, sublinhamos aquilo que o Discurso do Analista suporta e visa: a possibilidade que o sentido cesse de se escrever pela não necessidade de afirmação (de qualquer qualidade ou predicado). (...) Donde concluiríamos que, se o conflito-colisão-forçamento pode fazer equivalência entre vazios-nomes, suportes da contradição, a não necessidade de afirmação, a anti-cadeia forçante da montagem-colisão, pode fazer ressoar outra coisa que o sentido. Nem w1, nem w2. Suspensão. Indecidível. (Gianesi, 2016, p. 50)

No seminário *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (Lacan, 1976-1977, conferência de 18 de abril de 1977, inédito), Lacan faz uma articulação entre o forçamento, a interpretação poética, a escritura poética chinesa e a ressonância:

Se vocês são psicanalistas, verão que é o forçamento pelo qual um psicanalista pode fazer ressoar outra coisa, outra coisa que o sentido (...). O sentido, isso tampona; mas, com a ajuda daquilo que se chama escritura poética, vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica (...). Não que toda poesia seja tal que a possamos imaginar pela escritura, pela escritura poética chinesa (...). Que vocês sejam inspirados por alguma coisa da ordem da poesia para intervir, é bem em direção a que vocês devem se voltar. (Lacan, 1976-1977, conferência de 18 de abril de 1977, p. 128, inédito, tradução nossa)

No seminário *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (Lacan, 1976-1977, inédito), Lacan faz referência a um livro de Cheng e convida os psicanalistas a aprenderem com esses poemas, com o objetivo de operar, de maneira análoga, na interpretação analítica, de modo a fazer ressoar outra coisa que o sentido. Seria uma tentativa de criar um significante fora do sentido, no real, que produza um efeito de furo. Lacan afirma que só há, na interpretação, poesia, e que não era poeta o suficiente. O que interessava a Lacan na poesia era justamente o fato de ela ratear, errar e não fechar uma significação e uma verdade, não operando sempre pela metáfora, mas empreender um nó entre as palavras, de modo a ser possível conceber o poema como antimetafórico. Caso que ocorre na poesia chinesa de Cheng, que produz a substituição de uma palavra vazia, esta que pode ser substituída por um verbo, por uma palavra poética.

É aqui que a letra, como *sinthome*, produz furo, o que se revela na poesia chinesa com o estado topológico da palavra poética, em que a sonoridade produz ressonância, isto é, faz ressoar outra coisa a partir do vazio.

Na conferência de 19 de abril de 1977 do seminário *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (Lacan, 1976-1977, inédito), Lacan nos diz que a poesia é a “res-

sonância do corpo” ou a “condansação”, como cita em *Joyce, o sintoma* (Lacan, 1976/2003), de modo que a condensação da própria condensação promove uma “dança” dos significantes, a dança entre o som e o sentido, já que o corpo, como uma caixa de ressonância, tem a estrutura de um toro, posto que temos o vazio de seu eixo e o vazio de sua alma. Haveria um passo a dois, uma dança, entre o toro do corpo e o toro da palavra. Dessa forma, temos a função poética como efeito de sentido, significância, e efeito de furo (*trou*), furo que promove a ressonância do corpo pelo instrumento da voz, já que falar é furar, fazendo uso não mais somente da linguagem traumática, mas também da *lalíngua trou-mática*, como um bordejar o furo do saber, permitindo a interpretação da verdade poética do sintoma que pode ser produzido em uma análise com pacientes acometidos por fenômenos psicossomáticos. Ao operarmos, na direção de tratamento com esses pacientes, a partir da nomeação para produzir um sintoma (lógica paraconsistente) e da interpretação poética (lógica paracompleta), operamos sobre a substância gozante implicada no fenômeno psicossomático na aposta de um novo enlace para o sujeito.

Referências bibliográficas

- Andrade, C. (2016). Lacan com François Cheng. *Revista Derivas Analítica*, Belo Horizonte, 5. Recuperado em 6 de fevereiro, 2023, em <http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/cheng>
- Bousseyroux, M. (2013). *Os três estados da palavra: topologia da poesia*. Conferência ministrada na Universidade de São Paulo, em 25 de abril de 2013. Inédito.
- Cheng, F. (2011). *Duplo canto e outros poemas* (B. Palma, Trad.) (1a ed.). Cotia: Ateliê Editorial.
- Cheng, F. (2016). Lacan e o pensamento chinês. In J. C. Milner (Org.), *Lacan, o escrito, a imagem* (pp. 161-182). Belo Horizonte: Autêntica.
- Garcia, J. (2021). *O fenômeno psicossomático e o objeto a* (1a ed.). Curitiba: Appris.
- Gianesi, A. P. L. (2016). Constelações clínicas. In A. P. L. Gianesi, B. H. M. Almeida, & R. B. Vogellar (Org.), *Rede clínica* (pp. 45-58). São Paulo: Escuta/Fórum do Campo Lacaniano.
- Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Inédito.
- Lacan, J. (2003). *Joyce, o sintoma*. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 560-566). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2010). *Seminário: encore*. Escola Letra Freudiana. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola. Inédito. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Ramos, C. (2015). *Paraconsistência e paracompletude nas fórmulas da sexualização*. Trabalho apresentado na Jornada de Encerramento de Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Inédito.

- Ramos, C. (2016). Paraconsistência e paracompletude do Lacan borromeano. In A. P. L. Giansi, B. H. M. Almeida, & R. B. Vogellar (Org.), *Rede clínica* (1a ed., pp. 89-106). Escuta, Fórum do Campo Lacaniano.
- Vilela, Y., & Iannini, G. (2016). Prefácio à edição brasileira. In J. Lacan. *O escrito, a imagem*. (1a ed., pp. 7-22). Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido: 01/03/2022

Aprovado: 15/03/2022